

AS FORMAS DA AMIZADE, OS LUGARES DA EDUCAÇÃO

Ibrahim Camilo Ede Campos¹
Walter Lima Matias²

RESUMO

O artigo objetiva apresentar elementos da historicidade da filosofia no campo da amizade, com destaque para Aristóteles, Montesquieu e Montaigne, em vista de discuti-los e de problematizá-los à luz das relações entre processos educativos e afetividade. Entre sinceridades, adulações ou indiferenças, as distâncias da intersubjetividade, moduladas presencial ou virtualmente, flexibilizam-se e assumem diferentes formas que se projetam nas relações e nos processos educativos. A amizade, como objeto de pouca atenção e produção na práxis educativa, corre o risco de se anacronizar com os impulsos tecnológicos que facilitam as dinâmicas interativas no âmbito do ensino e da aprendizagem, ausentes de corpos, rarefeita em sensorialidades e trocas espirituais e notavelmente rica em interatividades de ordem cognitiva. As potencialidades e limites de constituição de afetividades amicais nessa gradação tendente às nuvens abrem reflexões sobre desconhecimento intersubjetivo e processos educativos, o que a tradição educativa presencial jamais superou.

Palavras-chave: Amizade, Processos educativos, Modalidades de ensino.

INTRODUÇÃO

Onde melhor se desenham as formas da amizade, no ar ou na água? Não se sabe se Éolo e Posêidon chegaram a tal disputa. Talvez a eternidade dourada e a independência próprias dos deuses não os tenham sequer levado a se preocuparem em contemplá-la. Já para os humanos contemporâneos afeiçoados às relações amicais, que dividem o tempo durado nas existências e nas convivências reais e virtuais - uma só delas suficiente para mil vidas - urge procurar saber: mais vale mergulhar na virtualidade ou sobre a realidade levitar?

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/UFAL). Linha de pesquisa: Educação, cultura e currículos. Eixo: Filosofias e Educação: temáticas éticas e epistemológicas. Bolsista CAPES/FAPEAL. E-mail: icec.campos@gmail.com.

² Professor orientador. Estágio Pós-Doutoral pela Université Rennes II. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: Educação, cultura e currículos. Eixo: Filosofias e Educação: temáticas éticas e epistemológicas. Professor no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Ufal e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Mestrado Profissional) UFPE. E-mail: waltermatias@gmail.com.

Este breve artigo apresenta alguns elementos da historicidade da filosofia no campo da amizade, com destaque para Aristóteles, Montesquieu e Montaigne, em vista de discuti-los e de problematizá-los à luz das relações entre processos educativos e afetividade, com enfoque nas modalidades presencial e remota.

Primeiro, resgata-se a tradicional classificação de Aristóteles entre as amizades utilitária, hedonista e ontológica, para, em seguida, com os dois filósofos modernos, explorar a sinceridade e a confiança como pressupostos de uma relação de cuidado reciprocamente considerada, em antítese às amenidades adulatórias ou da indiferença.

O encontro de presenças, ilustrado no paroxismo fusional da amizade em Montaigne e Étienne de la Boétie, reflete uma concepção estética de vida hábil a farolizar teorias e práticas educativas inclinadas a velejar pelas águas vivas da afetividade, com os riscos e as aventuras que tal dimensão da experiência humana comporta.

Por outro lado, as teorias e práticas educativas que buscam alçar voo às nuvens, dispensando a densidade dos corpos e lidando com ausências de uma forma outra, precisam, com a licença do paradoxo, de uma *ética da atmosfera*, de modo a combinar, harmonicamente quanto possível, as altitudes tecnológicas da ciência com as latitudes ilimitadas da experiência humana compartilhada, ambas inexauríveis e dependentes de escolhas pessoais e institucionais.

AS TRÊS AMIZADES EM ARISTÓTELES: UTILIDADE, PRAZER E VIRTUDE

Para Aristóteles (1985), a amizade é uma disposição do caráter, da qual advém a escolha pelo objeto amado, caracterizada pela reciprocidade de boas intenções e pelo conhecimento delas pelos amigos.

A amizade pode ser motivada pelo que é bom, agradável ou útil para eles. Na primeira modalidade, as pessoas se amam pelo que elas são, pelo caráter delas, cada qual buscando o bem da outra, independentemente dos interesses, a constituir, assim, a amizade perfeita e duradoura. Da bondade recíproca e irrestrita de tal amizade decorre a agradabilidade e a utilidade, amizade rara, que demanda tempo, experiência recíproca e intimidade, embora quando os caracteres não sejam mais os mesmos (sobretudo em advindo vício moral incorrigível), não mais amigos serão (ARISTÓTELES, 1985). Dessa experiência prolongada decorre a confiança e a blindagem contra a abjeta má-fé alheia:

E somente a amizade entre pessoas boas é imune à calúnia, pois não é fácil dar crédito ao que diz qualquer um acerca de uma pessoa que foi posta à prova durante muito tempo por quem ouve as palavras caluniosas; além disto, é entre pessoas boas que encontramos a confiança, o sentimento de que uma nunca fará mal à outra e tudo mais que se espera numa amizade sincera. Nas outras espécies de amizade, todavia, nada impede que impeça o aparecimento de suspeitas (ARISTÓTELES, p. 157).

Nas outras espécies de amizade (por prazer e por utilidade), assim consideradas apenas por analogia à amizade virtuosa - acidentais e ocorrentes em maior número, não sendo frequente a combinação entre elas - as pessoas se amam apenas pelo prazer ou pelo interesse que uma pode proporcionar a outra, subsistindo a relação apenas enquanto tais benefícios durarem. Adquirem tais amizades, assim, um caráter instrumental, embora a primeira (movida pelo prazer), pela proximidade e compartilhamento afetivo com o outro, se pareça mais com a amizade verdadeira que a movida pela utilidade, esta baseada exclusivamente no interesse (ARISTÓTELES, 1985).

Nas amizades em que há relação hierárquica, a igualdade apresenta-se de modo proporcional à situação e ao merecimento de cada um, de modo que os benefícios aportados ou recebidos não são os mesmos. Como afirma Aristóteles (1985, p. 161):

Essa afirmação se torna mais evidente quanto há um grande desequilíbrio entre as partes em relação à excelência moral ou à deficiência moral ou à riqueza ou a qualquer outra coisa; nestas condições, elas já não são amigas e nem sequer esperam sê-lo.

É que a verdadeira amizade carrega consigo, sobretudo, a igualdade quantitativa. Na amizade por interesse ou por prazer, todavia, tal condição de igualdade quantitativa não é necessária, sendo justamente a diferença entre as pessoas que propicia o surgimento dessa amizade que advém do valor da troca em se dar um benefício recebendo outro. Na amizade por interesse, aliás, as recriminações não possuem nenhum efeito benevolente, mas o de reivindicar algum benefício que se supõe devido, igual ou maior ao benefício anteriormente proporcionado ao outro.

Na amizade verdadeira, diferentemente daquela, a medida do benefício a ser retribuído deve ser proporcional à *intenção* do primeiro benfeitor, e não de acordo com a real utilidade proporcionada àquele que a recebeu, embora, em ambos os casos, tal retribuição não deva ser sempre idêntica, quando se revele, por exemplo, contrária à equidade (ARISTÓTELES, 1985).

Se a maioria prefere ser amada a amar - daí o gosto pela adulação, por meio da qual, falsamente, estima-se mais do que se é estimado -, pode uma pessoa, por outro lado, estimar verdadeiramente, assim como a outra pode receber tais estimas com o discernimento de que se sabe merecedor delas, embora a amizade tenha mais a ver com amar que ser amado (ARISTÓTELES, 1985).

Em interpretação da passagem em que Aristóteles se refere ao amigo como um *heteros autos*, Agamben (2009) distancia-se da tradução da referida expressão grega segundo a qual o amigo seria um *outro eu*, compreendendo-a o pensador italiano como “(...) uma alteridade imanente na ‘mesmidade’, um tornar-se outro do mesmo” (AGAMBEN, 2009, p. 90). É que ao lado da sensação da existência por cada um, há um *sentir-com*, relativo ao amigo. Isso se dá, porém, no sentir da própria existência.

Ainda a propósito da passagem analisada, como afirma o mencionado autor (2009, p. 89), “não há aqui nenhuma intersubjetividade – esta quimera dos modernos –, nenhuma relação entre sujeitos: em vez disso o ser mesmo é dividido, é não-idêntico a si, e o eu e o amigo são as duas faces – ou os dois polos dessa *com-divisão*”.

Desse modo, trata-se de um *outro si mesmo (heteros autos)*, a sugerir não a duplicação de um eu no outro, mas uma “des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si” (AGAMBEN, 2009, p. 90), compartilhando com o amigo a própria existência *com-sentida*.

A amizade baseada na utilidade ou no interesse encontra resguardo justamente nas amenidades, comissivas ou omissivas, leia-se, notadamente, do adulator ou daquele indiferente ao outro, reproduzidas e axiologicamente inversas à amizade verdadeira, baseada na sinceridade e na disposição de buscar o bem do outro ao mesmo tempo cuidando de si.

REPRODUÇÃO DAS AMENIDADES E SINCERIDADE AMICAL EM MONTESQUIEU

Conforme o *Elogio da sinceridade*, de Montesquieu (1993), a sociabilidade ocorrente entre os homens tem por finalidade o auxílio recíproco, movido por uma relação de confiança, de modo a superar as barreiras do amor-próprio que impedem o acesso à verdade. Dizer a verdade, assim, implica um dever calcado na reciprocidade e amicalidade, não havendo lugar, nessa relação, para a negligência de um para com o outro.

No pressuposto de que a educação ocorre apenas enquanto se é novo, e de que o resultado dela se marca com o término dessa fase, dir-se-ia que a boa ou a má formação do educando já está assim definida, em nada servindo a sinceridade ulterior, pois, seja quanto ao enaltecimento das habilidades ou das virtudes, seja, via reversa, quanto à censura moral pelas inaptidões ou pelos vícios daquele (MONTESQUIEU, 1993). A educação moral de jovens e adultos, nesse sentido menor e mesquinho, a pouco se prestaria.

No entanto, aduz Montesquieu (1993), as pessoas podem tornar-se virtuosas, notadamente pelas advertências ou pelas censuras do outro, servindo a virtude da honestidade como terapêutica para o maior dos vícios, qual seja, o orgulho narcísico, eis que limitador das potencialidades do autoconhecimento, exatamente na tradição moral de Plutarco e Galeno, pensadores da Antiguidade greco-romana. Perdidos estão os amigos que apenas admiram e louvam um ao outro, “(...) como se todo o mérito consistisse em servir” (MONTESQUIEU, 1993, p. 13), ausente o menor resvalo na verdade trazida com sinceridade e simplicidade contra os vícios. Tal sinceridade é rara, porquanto evitada em inúmeros espaços e relações, protegida, quando muito, nas relações de amizade (MONTESQUIEU, 1993).

Não, porém, em quaisquer relações de amizade (por interesse ou por prazer), mas naquelas tendentes a uma verdade de si duplicada em força e espírito. Nasce ela da sinceridade abrilhantada e acompanhada de outras virtudes,³ como a coragem e a independência, não tendo, assim, sua gênese no agrado, como sugere o senso comum (MONTESQUIEU, 1993).

Criticando o espírito reinante em sua época, no século XVIII, assim aduz o iluminista francês, nada obstando, porém, guardadas as devidas reservas, reflita-se sobre tal dizer à luz da contemporaneidade, em que a cautela predomina sobre a coragem (REBOUL, 2016): “a franqueza é vista como um vício na educação. Não se exige de modo algum que ao coração se dê importância; basta que se tenha feito como os outros. É como nos retratos, em relação aos quais não se exige outra coisa que a semelhança com o que representam” (MONTESQUIEU, 1993, p. 14).

³ “Les grandes vertus qui naissent, si je l’ose dire, dans la partie de l’âme la plus relevée et la plus divine, semblent être enchaînées les unes aux autres. Q’un homme ait la force d’être sincère, vous verrez un certain courage répandu dans tout son caractère, une indépendance générale, un empire sur lui-même égal à celui qu’on exerce sur les autres, une âme exempte des nuages de la crainte et de la terreur, un amour pour la vertu, une haine pour le vice, un mépris pour ceux qui s’y abandonnent” (MONTESQUIEU, 1993, p. 17).

Pela adulação, crê-se, a vida se torna mais suave e prazerosa. Contra a verdade, evita-se o desagradado, a perturbação, o amargor, a rudez e o incômodo ao orgulho. Evita-se, em suma, o espelhamento de si, ser imperfeito, que o retrato não logra espelhar, comumente sob a mentira, igualmente pensada como insinceridade.

Deslizam a sinceridade e a adulação nos caminhos epistêmicos e psicológicos da verdade. A bem ver, aquele que mente *acha* que conhece a verdade. Como assinala Descarpentries (2019, p. 68), “(...) o mentiroso torna-se aquele que altera o que ele próprio, acertada ou erroneamente, considera como verdadeiro”. Deveras, ninguém mente sem supor conhecer o contrário do que é objeto da mentira! Se pode haver equívoco quanto à verdade assim considerada por aquele que mente, a mentira, portanto, pode não se opor à verdade.

Acreditando que algo seja falso, o mentiroso o afirma como verdadeiro. Acreditando que algo seja verdadeiro, ele o afirma como falso, independente de sê-lo realmente. Por tal razão, o contrário da mentira é a sinceridade, e não a verdade (epistêmica), pois é mediante um critério de intencionalidade do sujeito que se determina se ele mente ou se ele *pensa* dizer ser mesmo a verdade, sem intenção de ludibriar. Por isso, a mentira, mesmo que seja abuso moral da linguagem, pode corresponder à verdade (DESCARPENTRIES, 2019), embora o bom adulator, via de regra, conheça bem o sujeito em relação ao qual (contra o qual) a adulação é dirigida, um dos exemplos em que a retórica não guarda relação necessária com a verdade.

DO ENCONTRO DE INTERESSES À AMIZADE FUSIONAL EM MONTAIGNE

Diferentemente das amizades ligadas a circunstâncias e a interesses, a amizade verdadeira, na qual se ama o outro pelo que ela é como pessoa, é o ponto máximo e essencial da perfeição no que respeita à associação entre semelhantes, sendo um dos principais deveres da amizade as advertências em forma de avisos e reprimendas, intervindo novamente a sinceridade, a qual, pareada com a confiança, é um dos principais *loci* de conservação e desenvolvimento da amizade.

Em relação à confiança, nem todos os argumentos do mundo, diz Montaigne (2009), são capazes de alterar a convicção de um amigo quanto às intenções e opiniões do outro. Muito mais, a confiança alcança amplitude tal a ponto de um confiar no outro mais que em si próprio:

Nos âmes ont marché si uniment ensemble, elles se sont considérées avec une si ardente affection, et avec une pareille affection de découvertes l'une à l'autre jusqu'au fin fond des entrailles, que non seulement je connaissais la sienne comme la mienne, mais que je me serais certainement plus volontiers fié à lui qu'à moi à mon sujet » (MONTAIGNE, 2009, p. 235).

O excerto acima, extraído dos *Essais* (2009) do renascentista francês, tem como sentido contextual a relação vivida ao longo de quatro anos entre ele e Étienne de la Boétie articulação referida, no texto, ao passado, eis que à data do início do texto La Boétie já havia falecido.⁴ Na carta que escrevera a seu pai, publicada em 1570, narrando os últimos dias de La Boétie (de 9 a 18 de agosto a 1563, segundo a própria carta), Montaigne retrata a amizade que continuava a atar os dois filósofos, assim como o estoicismo e os cuidados do primeiro para com sua família e amigos (MONTAIGNE, 2020).

Montaigne retoma ao espírito uma autobiografia relacionada a uma amizade fusional e mesmo misteriosa, como toda verdadeira amizade, que se destaca daquelas ordinárias e tão somente interativas, movidas por interesses e facilmente dissolvidas pelas circunstâncias. Esse caráter fusional implica não apenas uma descoberta do outro, mas a de um eu transformado para melhor (LEFRÈVE, 2007).

A verdade da amizade em Montaigne é uma amizade de pertencimento que ultrapassa perspectivas angulares, relação singularizada que não apenas vincula os amigos, mas procede mesmo a uma síntese fusional em que as vontades se encontram para se perderem umas nas outras, privilegiando a amizade que seja virtuosa. Tal concepção lembra o pensamento de Plutarco (2010), o qual menciona que o homem virtuoso é aquele que segue conforme a natureza, a razão e o costume. Acrescenta-se, inclusive, Cícero (1952), que mostra a cautela e a circunspeção como dados imprescindíveis à escolha do amigo, sem se esquecer de caminhar prudentemente.

Se os dois pensadores do início da filosofia moderna, Montesquieu e Montaigne, nos trazem a amizade como uma relação indissociável da sinceridade e da presença, destacando-se mesmo a *amizade fusional* em Montaigne, busca-se doravante mobilizar tais elementos teóricos para refletir sobre um presente que tende, mais ainda por força da

⁴ Si l'on me demande avec insistance de dire pourquoi je l'aimais, je sens que cela ne peut s'exprimer qu'en répondant : « Parce que c'était lui, parce que c'était moi ». Como observa Sédot (2011, p. 491), “Notons au passage que c'est dix ans plus tard que Montaigne ajoutera dans une autre édition des *Essais*: « parce que c'était moi. » Il ne s'agit en aucun cas d'une relation d'ordre psychologique, mais cette amitié exprime une unité intellectuelle entre deux hommes qui se situent chacun à un niveau élevé de pensée dans lequel ils se reconnaissent”.

pandemia de 2020, a embrionar um futuro ainda mais intensificado por relações de virtualidade, fora, portanto, dos domínios da *presença física*, do que são exemplo os processos e relações educativos.

Afastando desde já os *sonhos de outrora*, no sentido de um saudosismo que só se torna doce pelo adoçamento de quem endossa o passado, é de se destacar que a natureza do ensino, presencial ou virtual, *per se*, não determina, por certo - no sentido positivo ou negativo - a qualidade relacional entre os sujeitos educativos, o que não implica desconsiderar os influxos provenientes de tais mudanças no âmbito das relações de afetividade.

AMIZADES E VIRTUALIDADES: O ALGODÃO DOCE DESMANCHA NAS NUVENS

Refletir sobre a amizade como construto relacional que se busca incentivar nos espaços sociais, dentre eles os educativos escolares, não prescinde de uma análise das diferenças entre as amizades tecidas virtualmente e na vida real, ambas imbricadas no cotidiano de muitos, sendo a primeira dimensão muito recente para que a compreendamos em todos os seus influxos na vida individual e coletiva. Nesse sentido, como afirma Cayuela (2009, p. 45):

Ce changement auquel nous n'étions peut-être pas préparés produit des comportements qui se caractérisent dans un premier temps par une impression d'ouverture au monde et dans un second par une solitude, voire un enfermement ou repli sur soi de plus en plus important.

Posts, fotos, mergulham na rede jovens, tantos não eles, em busca de algo, em busca de algo que seja verdadeiro... buscam-se verdades, busca-se a si mesmo, um outro si-próprio, como aduziu Aristóteles (1985).

Diferente daqueles que apenas *brindam* a amizade, em sorrisos pensados matematicamente para ter efeitos estéticos, em que cada assimetria é milimetricamente definida, incansavelmente fotografada e, ufa, definida, para dar ares de (falsa) descontração dentro de constrições heteronômicas massificantes, para muito além disso, a amizade, se é escolha e ato de liberdade, é também dever moral, é dizer, compromisso de alteridade *na proximidade*, que contribui para forjar e fortalecer o caráter de cada um. Por outro lado, igualmente importante acenar para uma amizade que se faz na

diferenciação, justamente para o que outro escute a si próprio, ausência criada pelo respeito e reconhecimento, para que a palavra dirigida ao outro seja escutada no tempo e na singularidade de cada um, como seja, tenha um futuro dependente da necessidade do silêncio de quem a recebeu (WEBER, 2002).

A amizade, para ser formada, demanda tempo e encontro de experiências. Diamante imaterial, porém escondido nas entranhas do mundo, anomalia difícil de lapidar e de polir, produz-se na intersubjetividade alongada no tempo, este entremeado de necessidades e de contingências. Sem pressa de performances, essa amizade brilha por si própria, sem precisar de *likes*. No entanto, vem à luz a firme observação de Goergen (2018, p. 35-36):

o individualismo moderno, vestindo as roupagens do utilitarismo, do materialismo, do pragmatismo e do consumismo, isola os jovens e converte-os em catadores do outro na virtualidade fugaz e descomprometida das redes sociais. Os jovens procuram comunidade onde, efetivamente, ela não existe, porque o outro virtual é desconhecido, fugaz, substituível, simplesmente deletável. O termo *philia*, ao contrário, pressupõe reconhecimento, permanência, compromisso e responsabilidade.

Falar entre corpos, entre sentidos, percepções, olhares e compreensões que extrapolam o limitado campo da textualidade escrita, muitas vezes preguiçosa e inerte, alegre por digitar, mais do que realizada, ainda que num átimo, por se representar graficamente, como grito carente de ao menos bajulação, não atinge o efeito de verdade daquele que se apresenta ao outro confiante e sincero, verdadeiro consigo, a fim de que o outro amigo acesse a verdade dele próprio, modulando os espaços da diferenciação e da proximidade de modo prudencial.

Se as relações entre os sujeitos educativos são, via de regra, marcadas pelo componente da durabilidade determinada pelos programas curriculares, frágeis, portanto, do ponto de vista da pertença recíproca e da continuidade de autoconhecimento produzido entre eles, as virtualidades que se anunciam e se desenvolvem com força *no* e *após* o período da pandemia de 2020 chamam a atenção para como os nexos entre tais sujeitos podem manter potencialidades de constituição de afetividades amicais (fora das amenidades adulatórias e das indiferenças), quando por vezes não se sabe os rostos e as singularidades dos sujeitos. No entanto, afirma-se uma vez mais, a natureza do ensino, presencial ou virtual, não determina, por si só, a qualidade relacional entre os sujeitos educativos. Nesse sentido, Benfatti, Satno e Diniz (2008, p. 2):

Na educação presencial as formas de afetividade são expressas através de diferentes olhares, tonalidade da voz, gestos, contato físico. A presença do professor viva, atrativa, carismática dentro de uma sala de aula pode aumentar o prazer no aprender e diminuir possíveis dificuldades. Nota-se comumente que a identificação do aluno com o professor traz como consequência a identificação deste com a disciplina, gerando maior empenho na aquisição de conhecimento. Não será porque os professores, de alguma forma despertam simpatia e interesse? Pode-se também estar numa sala de aula, com dezenas de alunos e tornar esse ambiente hostil, de medo e desmotivação.

Se é indubitável que as tecnologias da informação e da comunicação promovem a flexibilização de formas de ensino e de aprendizagem além da descentralização do saber (MONTEIRO; SALGUEIRO; VANIEL, 2013) - embora em uma dimensão política de democratização da educação haja óbices econômicos por determinadas camadas sociais - deve-se superar uma estética da ausência que se confunda com a invisibilidade dos sujeitos educativos.

Ir até o outro, não apenas manejando, do lugar de onde se está, ou seja, nos ambientes virtuais, complexos informacionais relativos a *alunos em risco* (aqueles que desatendem aos critérios de presença e de desempenho cognitivo), por meio da aferição quantitativa da entrega dos trabalhos, da assiduidade, da proporção da visualização e uso dos materiais disponibilizados, e, claro, das notas (SILVA *et al*, 2014). Nem apenas adotar estratégias educativas mais sofisticadas, como o reconhecimento, por inteligências artificiais que recebem informações fisiológicas (sons, gestos, comportamentos, escritas, por exemplo), dos estados emocionais ou de ânimo dos discentes nos ambientes virtuais para reconhecê-los em determinados padrões (LONGHI; BERCHT; BEHAR, 2007). Ambos, úteis, podem chegar perto, propiciar condições, mas não têm a impulsão necessária para chegar à ética da atmosfera.

Importa ir até o outro e buscar entendê-lo conforme o lugar em que está, da sua cultura, é esse o componente da docência que maximiza ainda mais as potencialidades afetivas. A escuta de afetividades deve ultrapassar a leitura atenta de textos e a percepção da movimentação dos alunos no ambiente virtual, a pureza da escuta nas facilidades tecnológicas que não se encontra na catarse. Sim, escutar o outro a partir do lugar, da cultura, da riqueza que o constitui e se desvela apenas em fragmentos virtuais.

Como desdobramento de tais reflexões, buscar uma escuta que evoque não apenas representações culturais afetivas comuns a todos, própria de uma globalização que busca conectar sem *fusionar* pessoas, que não apenas *faça pontas ou pontue os outros* para

melhor receberem os raios da potência educativa, ou ainda, conforme Coelho *et al* (2018), melhor aconchegá-los na familiaridade das redes sociais como recurso complementar de encurtamento de distâncias no ensino-aprendizagem. Diferente disso, ou para além disso, encontrar, espacial e corporalmente, no âmbito das representações individuais e culturais, singularidades que não se comunicam ou se fazem entender apenas pela aglutinação destas em torno de temas comuns, mas de experiências comuns e que produzem transformações diversas.

Ir até o outro, concluindo, é justamente completar uma relação de amizade que, ensina Aristóteles (1985), só se perfaz quando ambos se sabem amigos, se querem amigos, nessa reciprocidade benévola de intenções. E nesse sentido, os livros não seriam hábeis a substituir sujeitos no âmbito dessas relações. Se se escreve a todos e a ninguém, não haveria amizade no sentido restrito do termo.

Alguém já declamou às bibliotecas dizendo que o melhor amigo do homem são os livros, companheiro de todas as horas, lá, sem ausentar-se quando necessário, sem se fazer presente quando inoportuno. A mais fina das sutilezas... salvo que não é gente nem róí os pés dos móveis, a incluir os animais não humanos nesse campo de afetividade. Escreve sem saber, querendo saber de si, como reconhecimento, como ascese gráfica que busca alcançar o outro. Aliás, já disse Mia Couto (2012), “o escritor escreve para acalmar os seus próprios fantasmas interiores”.

Por outro lado, em prol das facilidades de encontros virtuais no âmbito da comunicação, o silêncio presencial indiferente ou adulatório emaranhado nos tempos das escolas não chega aos pés da atenção afetiva, potentemente benévola e franca, escrita em uma linha de *e-mail* que seja, para com um desconhecido discente, o que poderia mesmo levar à instauração de amizades dentro e fora das relações educativas. Aí, caro leitor, um átimo pode superar décadas.

Tal afetividade não é mediação de conhecimento, é interação de subjetividades, e essa interatividade deve estar presente e justamente ser o *Leitmotiv* das tecnologias de informação e comunicação. Não se trata de cordialidades ou amenidades, embora tais, desde que não confundidas com bajulação ou indiferença, sejam também convenientes às relações amicais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amizade e suas fitas vivem por si, ora embaralhando-se, ora exprimindo-se em arte singular, a ponto de, talvez, ela, na verdade, escolher quem será amigo um do outro, parceria hábil a descortinar experiências que a individualidade, embora potente, pena a produzir. Não é um conjunto de algoritmos determinados e controlados que se transformará nos acasos e nos encontros da vida - nem sempre agradáveis nem promissores, fazendo isso parte dos riscos e das aventuras de velejar as águas dinâmicas da afetividade -, no sentido da verdadeira e misteriosa gênese da amizade, reverso de uma amizade banalizada e unificada não por espíritos, mas por banalizações nas redes virtuais.

As facilidades de encontros que a ciência da informática propicia limitam-se ao campo da tecnologia, temporalizada dinamicamente entre o presente e o futuro. As facilidades de encontros que a Educação deve propiciar, embora das tecnologias possam e devam se valer, ultrapassam-nas para compô-las com finalidades éticas que se entrecruzam com uma experiência relacional de vida bela e significativa, igualmente referida às janelas do passado que, malgrado o ocaso pós-moderno da tradição, ainda nos inspiram, nos quatro cantos do quarto, da sala ou do mundo.

Para tanto, importa redimensionar a *estética da ausência*, sair da distância que sugere apenas homogeneidade e identicidades que obnubilam identidades, distâncias que os cursos à distância não saberiam, com efeito, de todo refratar (THUM, 2010). Como sugere Thum (2010, p. 556/554), “partindo da premissa que professorar exige sensibilidade de olhar- escutar a estética do lugar, a ação docente em EaD necessita embeber-se das realidade locais para significar sua pedagogia”. “O olhar sensível, a escuta, o registro e a partilha constituem-se em elementos da dimensão estética da docência. Compreendendo estética como um encontro do sujeito com sua autorepresentação cultural e existencial” (THUM, 2010, p. 554). Inspirar-se no outro e suas representações identitárias e culturais para que ele nos convide a ser um *outro si mesmo*, na interpretação aristotélica de Agamben (2009), pode propiciar maiores amplitudes de experiências positivas nos campos passional e cognitivo.

A experiência virtual vai aos céus com a força das águas da afetividade, indeterminada como ousada, carente como bela, sedenta de vida como potente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BENFATTI, Eliana de F. S. S.; SATNO, Rita de Cássia M. T.; DINIZ, David J. A. afetividade na Educação a Distância: experiências em Engenharia de Produção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 5., 2008, Gramado. *Anais* [...]. Gramado: 2008. p. 1-7. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/portal/anais-esud/>. Acesso em: 03 set. 2020.

CAYUELA, Josian. Veux-tu devenir mon ami(e) ? *Empan*, v. 76, n. 4, p. 43-50, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-empan-2009-4-page-43.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

CICÉRON. *L'amitié*. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

COELHO, Érica Aparecida *et al.* A utilização das redes sociais como recurso complementar no processo ensino-aprendizagem: um estudo de caso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 15., 2018, Rio Grande do Norte. *Anais* [...]. Rio Grande do Norte: UFRN, p.1-12.

COUTO, Mia. Mia Couto: 'Escrevo para acalmar os fantasmas'. Sapo. Cultura, 3 de julho de 2012. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/53493/mia-couto-escrevo-para-acalmar-os-fantasmas#:~:text=Mia%20Couto%3A%20Escrevo%20para%20acalmar%20os%20fantasmas>'. Acesso em 03 set. 2020.

DESCARPENTRIES, Francis. Vérité et insincérité : mensonge, délire, fabulation, mythomanie, et mauvaise foi. *Le Journal des psychologues*, v. 367, n. 5, p. 66-71, 2019. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-journal-des-psychologues-2019-5-page-66.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

GOERGEN, Pedro L. Alteridade, pensamento e formação. In: CENCI, Angelo Vitório; DALBOSCO, Cláudio Almir; MÜHL, Eldon Henrique (orgs.). *Sobre filosofia e educação: racionalidade, amizade e formação*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2018. p. 30-52. Disponível em: <http://editora.upf.br/index.php/e-books-topo/45-filosofia-area-do-conhecimento/185-sobre-filosofia-e-educacao-racionalidade-amizade-e-formacao>. Acesso em: 07 jul. 2020.

LEFRÈVE, Daniel. Montaigne et La Boétie : Deux images de l'amitié. *Imaginaire & Inconscient*, v. 20, n. 2, p. 15-21, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2007-2-page-15.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

LONGHI, Magalí Teresinha; BERCHT; Magda; BEHAR; Patricia Alejandra. Reconhecimento de estados afetivos do aluno em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 5, n. 2, p. 1-10, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14232/8148>. Acesso em: 03 set. 2020.

MONTAIGNE, Michel de. Sobre algumas particularidades da doença e da morte de Étienne de La Boétie. *Revista Serrote*. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/sobre-algumas-particularidades-da-doenca-e-da-morte-de-etienne-de-la-boetie/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Paris: Gallimard, 2009.

MONTEIRO, Aline Fogaça; SALGUEIRO, Ana Carolina Oliveira; VANIEL, Berenice Vahl. Tutoria a distância: Afetiva e Efetiva. In: VANIEL, Berenice Vahl; JELINEK, Karin Ritter (orgs.). *Tutor/autor: experiências e saberes*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 9-23. Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1583/1/Tutor-autor-experiencias-e-saberes.pdf>. Acesso em 03 set. 2020.

MONTESQUIEU. *Essai sur le goût précédé de Éloge de la sincérité*. Paris : Armand Colin, 1993. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k272923?rk=21459;2>. Acesso em: 07 jul. 2020.

PLUTARCO. *Obras Morais*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

REBOUL, Olivier. *Philosophie de l'éducation*. Paris: PUF, 2016.

SÉDAT, Jacques. Amitié antique, amitié moderne : un changement de paradigme? *Études*, t. 415, n. 11, p. 483-493, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2011-11-page-483.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.

SILVA, Júlia Marques Carvalho da *et al.* Alunos em Risco: como identificá-los por meio de um ambiente virtual de aprendizagem? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 11., 2014, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 46-55. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/portal/anais-esud/>. Acesso em: 05 set. 2020.

THUM, Carmo. A estética da ausência na docência em EaD. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO SUPERIOR À DISTÂNCIA, 7., 2010, Cuiabá. *Artigos resumidos*. Cuiabá: UFMT, 2010. p. 554-557. Disponível em: <https://www.auniredede.org.br/portal/anais-esud/>. Acesso em: 05 set. 2020.

WEBER, Dominique. La discrétion de l'amitié. *Études*, t. 397, n. 12, p. 625-634, 2002. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-etudes-2002-12-page-625.htm>. Acesso em: 07 jul. 2020.